

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

A representação da mulher negra no cinema: (in)visibilidade e estereótipos no cinema nacional

Vithoria Paiva Silva¹
Mayara Fior²

¹ Estudante Ensino Médio Integrado ao Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, Bolsista IFSP, Campus Avançado São Miguel Paulista, vithoria.paivaa@gmail.com

² Professora do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, Orientadora IFSP, Campus Avançado São Miguel Paulista, Mayara.fior@gmail.com

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.03.08.00-7 Cinema

RESUMO: O presente trabalho busca analisar criticamente a representação de mulheres negras na cinematográfica nacional, tendo em vista, sobretudo, o cinema como forte atuante no papel de representações simbólicas e construções de narrativas e que, enquanto espaço público, mantém uma condição de estereótipos de raça-gênero. Para tanto, parte-se de um arcabouço de estudos de obras teóricas do feminismo negro e suas ideias centrais, utilizando a categoria da interseccionalidade como viés para construção metodológica. Desse modo, se propõe uma análise fílmica consistente com recorte temporal pré-estabelecido, e, posteriormente, a partir das conclusões da análise, uma proposta de classificação tipológica que defina descritivamente os principais estereótipos de imagem que são, correntemente, atribuídos e vinculados às figuras de mulheres negras no cinema brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: representação; cinema brasileiro; feminismo negro; estereótipos; mulher negra.

The representation of black women in cinema: (in)visibility an stereotypes in national cinema)

ABSTRACT: This paper seeks to critically analyze the production of representations of black women in Brazilian cinematographic art. Considering, above all, cinema as a strong actor in the role of symbolic representations and narrative constructions and that, as a public space, it maintains a condition of race-gender stereotypes. To this end, it starts from a framework of studies of theoretical works of black feminism and its central ideas, using the category of intersectionality as a bias for methodological construction. Thus, it proposes a film analysis consistent with a pre-established time frame, and, subsequently, based on the conclusions of the analysis, a proposal for a typological classification that descriptively defines the main image stereotypes that are currently attributed and linked to the figure of black women in Brazilian cinema.

KEYWORDS: representation; Brazilian cinema; black feminism; stereotypes; black woman.

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, o feminismo negro questiona a utilização do termo “mulher como referência homogênea para um grupo atravessado por diferentes particularidades internas. As teorias de cinema feminista escrita por mulheres brancas que questionavam seu lugar de representação na tela e como isso dialogava com o patriarcado não compreendiam o local da mulher negra no mundo e contribuíam para o apagamento destas quando não se posicionavam sobre a presença da branquitude na tela.

Sob tal perspectiva, a discussão de representatividade de mulheres negras e dos estereótipos que as cercam, não se limita apenas ao debate de imagens boas ou ruins, positivas ou negativas. É

necessário discutir o papel de uma grande mídia de massa que, enquanto espaço público de construção de narrativas e conceitos, têm sido instrumentos de reafirmação dos estigmas raciais que mantêm a opressão, exploração e dominação das mulheres negras. Por isso, ao não corresponder ao padrão branco patriarcal estabelecido socialmente, a mulher negra tem sua imagem apagada distorcida sub-representada nos meios de comunicação. Nesse sentido, a naturalização do racismo e do sexismo difundido pela mídia, propaga e expressa, de forma sistemática, estereótipos e estigmas que prejudicam amplamente, a afirmação da identidade racial e o valor social desse grupo (CARNEIRO, 2003,p.125).

Tendo em vista que a construção de imagens estigmatizadas tem característica essencialmente ideológica, emerge a necessidade de elaborar um trabalho cujo objetivo seja compreender, identificar e classificar tal processo. Isso significa não apenas interferir em como a sociedade olha para a mulher negra, mas também como ela se vê, uma vez que a mídia serve como meio de representatividade.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa tem como macro estrutura metodológica dividida entre as seguintes etapas:

- Etapa 1: Pesquisa bibliográfica
- Etapa 2: Levantamento filmico
- Etapa 3: Análise filmica
- Etapa 4: Classificação tipológica

Etapa 1: Consiste no trabalho inicial de pesquisa bibliográfica, na qual será estudada toda bibliografia necessária ao objeto de estudo - sendo indispensável as abordagens interseccionais. Priorizando atentamente as referências ancoradas nas principais críticas do feminismo negro, história do cinema negro, teorias do cinema, representações, estigmas raciais e principais autores da discussão de representações negra no cinema. Isso em busca de levantar informações, reflexões e debates consistentes acerca de estereótipos raciais e as problemáticas envolvendo a sub-representação da mulher negra.

Etapa 2: Posteriormente à pesquisa bibliográfica, será realizado o levantamento filmico, no recorte temporal dos anos 2000 a 2016 para que, em seguida, o banco de filmes se destine a análise. A princípio, o primeiro levantamento servirá para fins de identificação da obra cinematográfica. Informações como título, direção, gênero, ano, roteiro, classificação de não ficção ou ficção e sinopse serão os meios norteadores para o levantamento inicial.

Etapa 3: Em seguida ao levantamento inicial, a análise filmica seguirá a metodologia fundamentada em 4 etapas, sendo elas:

Coleta de dados: Consiste em recolher dados gerais do filme, especificamente referentes a equipe de produção, bilheteria, contexto, etc.

Aplicação do questionário de presença em cena: Por intermédio do questionário dados objetivos serão recolhidos. Através de perguntas cruciais para o mapeamento das personagens, como por exemplo, principais características, falas, vestimentas, profissão, influência na trama, entre outros

Estudo de personagem: Os dados captados na aplicação do questionário servirão de insumo para o estudo do personagem. O estudo, realizado de uma forma individualizada levará para a conclusão do estereótipo atribuído e sua nomeação coerente.

Etapa 4: Classificação tipológica: Após a análise de cada uma das personagens será produzido, através dos aspectos da etapa anterior, uma classificação tipificando os estereótipos mais comuns atribuídos a mulheres negras dentro dos filmes. Pode-se encontrar através dele quais são os padrões de estereótipos e arquétipos frequentes. Por arquétipo, entende-se um modelo/perfil pré-definido a qual as personagens possam corresponder, e, estereótipo por sendo as expectativas sociais/comportamentais as quais as mulheres negras são submetidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Serge Moscovici, psicólogo social francês, a representação social é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo ao seu redor e se comunicar. Para Moscovici, é através dos discursos, imagens e mensagens midiáticas que as representações sociais circulam, e nelas acontece o que o autor define como “cristalização de condutas”. Tais condutas são articuladas com elementos afetivos, mentais e sociais, que, ao se integrarem passam a afetar a realidade material, coletiva e ideativa dos sujeitos.

Nesse contexto, surge um espaço para o cinema. É fato que qualquer obra cinematográfica carrega consigo uma ideologia, e encontra um espectador que também contém uma visão singular do mundo, junto com sua própria maneira de codificar mensagens e assimilar uma ideologia produzida pela obra. É justamente pela ordem da subjetividade, que diz respeito à interpretação de cada sujeito, que se torna possível identificar os mecanismos de uma linguagem própria do cinema, e assim, entender toda carga ideológica produzida por ela (JODELET, 2001).

Primeiro, ela (a comunicação) é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações. Em seguida, ela incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica. Finalmente, ela contribui para forjar representações que, apoiadas numa emergência social, são pertinentes para a vida prática e afetiva dos grupos (Jodelet, 2001, p. 32).

Dessa forma é possível afirmar que o cinema em sua completude exige um receptor que complete sua significação, e, principalmente, forneça sentido através da sua singularidade.

Ao passo que crescia a indústria cinematográfica e se considerava cada vez mais sua característica representacional no meio social, havia o aumento das críticas e análises feministas na literatura, especialmente de língua inglesa em torno dos anos 1970. A crítica pioneira é marcada pelo artigo “Visual pleasure and narrative cinema”, publicado pela teórica e cineasta Laura Mulvey em 1975. A partir de conceitos de Freud e Lacan, Mulvey busca identificar as construções binárias que, na narrativa cinematográfica, definem o masculino como ativo e o feminino como passivo e normalizam as assimetrias entre os gêneros também nas formas de ver e nos prazeres visuais (FERREIRA, 2018). ração, só existindo como significante do outro masculino (MULVEY, 1983, p. 438).

Embora o amplo reconhecimento das teorias do cinema de Mulvey, novas leituras críticas surgem, apontando as limitações das ideias freudianas ao concentrar suas análises no olhar masculino. A cineasta reconhece as limitações e propõe novas análises, onde o determinismo do olhar masculino é rompido tornando-se uma posição do espectador em assumi-la.

Análises como essas - capazes de captar diferentes problemáticas nas representações de gênero - deixam de lado um aspecto crucial: a interação com a variável raça. Entende-se que análises unidimensionais atentas apenas às variáveis de gênero ou raça acabam não levando em consideração aspectos fundamentais do cruzamento entre esses dois modos de discriminação. É constatado no campo de estudos feministas do Brasil a marginalização de perspectivas interseccionais, nos quais não levam em consideração associação entre variáveis como - gênero, raça, classe, etc.

No livro “Ain't I a Woman: Black Women and Feminism”, escrito em 1981 por Bell Hooks – escritora negra e ativista do movimento negro – apresentou a crítica de como mulheres negras foram exaustivamente, excluídas e construídas negativamente na representação fílmica. Em “Olhares Negros: Raça e Representação” (1992), a mesma escritora retoma a crítica, destacando o caráter político que as mídias de massas exercem sobre as imagens associadas às mulheres negras que reforçam, amplamente, a supremacia branca (HOOKS, 1992, p.5).

Para Hooks, as críticas feministas convencionais dos anos 70 não compreendiam o lugar da mulher negra nas telas de cinema, e devido a falta de posicionamento, contribuíram para o apagamento destas. Ao estruturarem seus discursos em análises unidimensionais, as críticas desconsideravam a raça como categoria de análise, desse modo, atribuíram à mulher branca o caráter de referência universal.

A crítica feminista convencional não reconhece a espectadora negra de forma alguma. Nem sequer considera a possibilidade de que as mulheres possam construir um olhar positivo por meio da compreensão e consciência das políticas de raça e racismo. A teoria feminista do cinema, enraizada em um modelo a-histórico e

psicanalítico que privilegia a diferença sexual, ativamente suprime o reconhecimento da raça, recriando e espelhando o apagamento da mulher negra que ocorre nos filmes, silenciando qualquer discussão da diferença racial – da diferença sexual racializada. Apesar das intervenções críticas feministas voltadas à desconstrução da categoria “mulher” que ressalta a importância da raça, muitas críticas de cinema feministas continuam a estruturar seu discurso como se ele falasse das “mulheres” quando, na verdade, fala apenas das mulheres brancas. (HOOKS,1922, pg.197)

Ainda em “Olhares Negros: Raça e Representação” (1992), Bell Hooks desenvolve o conceito de olhar opositivo, o qual refere-se a uma forma de resistência de povos negros especialmente mulheres negras, de criar novas formas de ver e interpretar os discursos e estruturas dominantes. Ao considerar o olhar como caráter político, que historicamente configurou formas de poder, a teórica caracteriza o olhar opositivo como o desenvolvimento de olhar crítico, em especial, como espectador de um cinema que reforçam, amplamente, a supremacia branca.

Quando a maioria das pessoas negras nos Estados Unidos teve a primeira oportunidade de assistir a filmes e à televisão, fez isso totalmente consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. Encarar a televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era se envolver com sua negação da representação negra. Foi o olhar opositivo negro que reagiu a essas relações de olhar criando o cinema negro independente. Espectadores negros do cinema comercial e da televisão podiam mapear o progresso de movimentos políticos pela igualdade racial através das construções de imagens, e assim fizeram [...] Riamos de programas de televisão como Amos ‘n’ Andy, mas também olhávamos para elas criticamente [...] (HOOKS,1992, pg. 185)

Desse modo, baseada sua análise no olhar opositivo, a autora questiona a construção do olhar sobre raça e gênero na arte cinematográfica, especificamente no ensaio de Mulvey (1975). Hooks elabora a iniciativa de espectadoras negras que, excluídas na construção do prazer visual, não se identificam nas representações.

De acordo com um relatório feito pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), divulgado em 2018, foram levantados 1.326 profissionais - atuando na direção, produção e como atores - envolvidos em 142 longas-metragens lançados comercialmente no Brasil em 2016. Os dados apontam que dos filmes analisados 42% não tiveram ator ou atriz negro ou negra no elenco principal, e 33% dos longas foram filmados com apenas 1% a 20% de negros. Somente 9% dos filmes têm ao menos 41% dos papéis principais ocupados por negros, que representam mais que a metade da população total do país.

Segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), as atrizes negras representam apenas 2% do elenco principal dos filmes brasileiros de maior público lançados entre 1995 e 2016. O mesmo levantamento indica que nenhum dos filmes analisados pela pesquisa foi dirigido e roteirizado por mulheres negras.

Com a análise dos dados, é possível afirmar que mulheres negras são, na frente e atrás das câmeras, excluídas e marginalizadas. De outro modo, a invisibilização acontece de duas formas: pela perpetuação de estereótipos e pela ausência de personagens negras, as quais são frequentemente sub-representadas nas produções audiovisuais, atreladas às figuras hipersexualizadas, passivas, incapazes e subservientes. Contribuindo dessa forma, para a manutenção da relação de subalternidade com a parcela negra da população feminina.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Vithoria Paiva Silva. Contribuição na coleta de bibliografia, redação do trabalho, levantamento filmico, análise filmica e classificação tipológica.

Mayara Fior. Orientação geral, checagem de informações e referências bibliográficas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de São Miguel Paulista, que viabilizou a oportunidade de a pesquisa ser desenvolvida, a Professora orientadora Mayara Fior, pela confiança e dedicação ao trabalho desde seu início, e aos familiares e amigos pelo apoio.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Ancine diz que nenhuma mulher negra produziu ou dirigiu filmes nacionais em 2018.** Agência Brasil, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2018-01/ancine-diz-que-nenhuma-mulher-negra-produziu-ou-dirigiu-filmes-nacionais-em>. Acesso em: 6 set. 2024.
- AMENTE MARAVILHOSA. **Serge Moscovici: biografia.** Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/serge-moscovici-biografia/>. Acesso em: 6 set. 2024.
- CARNEIRO, S. **Mulheres em Movimento. Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117–133, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>. Acesso em: 15 jun. 2024
- CANDIDO, M. R.; FERES JÚNIOR, J. **Representação e Estereótipos de Mulheres Negras no Cinema Brasileiro.** Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n25454>. Acesso em: 24 jun. 2024
- CANDIDO, Marcia Rangel et al. **Gênero e Raça no Cinema Brasileiro.** Revista Brasileira de Ciências Sociais [online], v. 36, n. 106, 2021. [Acessado 7 fev. 2024]. e3610611. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610611/2021>. Epub 05 mar. 2021. ISSN 1806-9053.
- CODATO, Henrique. **Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis;** Belo Horizonte: Verso e Reverso, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/44>. Acesso em: 6 de set. 2024
- DICIONÁRIO FMP-IFILNOVA. **Representação.** Disponível em: <https://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/representacao/>. Acesso em: 2 set. 2024.
- FERREIRA, C. **Reflexões sobre “a mulher”, o olhar e a questão racial na teoria feminista do cinema.** Revista FAMECOS, v. 25, n. 1, p. ID26788, 2018. DOI: 10.15448/1980-3729.2018.1.26788. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26788>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- FERRARI, A. G. PICCININI, C. A.; LOPES, R. DE C. S. **Atualização do Complexo de Édipo na relação com o bebê: evidências a partir de um estudo de caso.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yvvJnM8tZWsdrcBpQjbt67r/abstract/?lang=pt#> Estudos de Psicologia (Campinas), v. 30, n. 2, p. 239–248, abr. 2013. Acesso 15 ago. 2024
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação;** São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/bell-hooks-Olhares-Negros.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- LANGER, J. **Metodologia para Análises de Estereótipos em Filmes Históricos.** Revista História Hoje, v. 2, n. 5, nov. 2004. Disponível em: <https://unbciencia.unb.br/humanidades/48-comunicacao/476-a-populacao-invisivel-do-cinema>. Acesso em: 07 jul de 2024.
- MIRANDA, Rosana dos Santos. **Gênero, Raça e Protagonismo: O Cinema Negro Feminino do Século XXI.** 2017. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2017. Acesso em: 9 de ago. 2024
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Racismo_Recreativo_%28%28Feminismos_Plurais%29_-_Adilson_Moreira.pdf?1599239721. : Acesso em: 12 ago. 2024

MULVEY, Laura. **Visual Pleasure and Narrative Cinema**. Screen, v. 16, n. 3, p. 6-27, 1975. Disponível em: <https://academic.oup.com/screen/article-abstract/16/3/6/160329>. Acesso em: 16 jun. 2024

SANTOS, B. G. dos. **A (Auto) Representação da Mulher Negra no Cinema Brasileiro Contemporâneo. O Mosaico**, v. 9, n. 2, 2017. DOI: 10.33871/21750769.2017.9.2.2196. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2196>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SILVA, Conceição de Maria Ferreira. **Mulheres Negras e (In)Visibilidade: Imaginários sobre a Intersecção de Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (1999-2009)**. 2016. 297 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/624137>. Acesso 08 ago. 2024

SILVA, Robson. **Cinema e Representação Social: uma relação de conflitos**. Natal, Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0886-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOUZA, Francisco. **A população invisível do cinema. UNB Ciência**, 2021. Disponível em: <https://unbciencia.unb.br/humanidades/48-comunicacao/476-a-populacao-invisivel-do-cinema>. Acesso em: 6 set. 2024.